

Jornalistas Egressos de Grandes Redações Para Projetos Alternativos de Jornalismo: significados sobre a mudança de trajetória e os sentidos do trabalho¹

Sarah Corrêa de SOUZA²
Michelle Roxo OLIVEIRA³
Fiam-Faam Centro Universitário, São Paulo, SP

Resumo

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre transformações que ocorreram no mercado de trabalho de jornalismo e sobre a trajetória de atores, inseridos nesta profissão, que migraram de grandes redações para projetos alternativos de jornalismo. Nas décadas passadas, as redações das empresas jornalísticas acolhiam a maior parte dos jornalistas. Com os processos de reestruturação e o “enxugamento” de seus quadros de funcionários, bem como a entrada em cena das novas tecnologias, os tradicionais conglomerados midiáticos, aos poucos, vão dividindo seu protagonismo com novas iniciativas no campo jornalístico.

PALAVRAS CHAVES: jornalistas; mercado de trabalho; reestruturação produtiva; redações; projetos alternativos

Introdução

Quando comecei a questionar as possibilidades de atuação no mercado de trabalho jornalístico, observei que, hoje, o jornalismo praticado pelos veículos de maior visibilidade não era o único caminho possível, pois me deparei com uma série de novas iniciativas em jornalismo, que fogem dos arranjos tradicionais das empresas de comunicação. Ao pesquisar sobre estes novos projetos, observei que alguns dos jornalistas que atuam nestes espaços haviam construído trajetória em grandes redações, antes de realizarem esta transição. Este foi o ponto de partida que deu origem a esta pesquisa⁴: tentar compreender alguns motivos que levaram jornalistas que já atuaram em veículos de grande visibilidade,

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Recém-graduada no curso de Jornalismo pelo FIAM-FAAM Centro Universitário, email: correasarah86@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora do curso de Jornalismo do Fiam-Faam Centro Universitário. Email: michelle_roxo@yahoo.com.br.

⁴ Este trabalho é uma versão editada de monografia desenvolvida como pré-requisito para obtenção do título de Bacharelado em Jornalismo.

em algum momento de suas carreiras, virarem o jogo e partirem para a mídia alternativa à chamada grande imprensa.

As grandes redações foram responsáveis durante muito tempo pelo acolhimento dos que buscavam um lugar no mercado de trabalho desta profissão e se tornaram, sobretudo no caso da grande imprensa, ambientes de prestígio e de espaço para muitos jornalistas construírem suas carreiras. Mas ao longo da última década vimos as empresas jornalísticas passarem por muitas modificações, como processos de reestruturação produtiva, o encolhimento de seus quadros, com a consequente demissão de jornalistas. Para os que permanecem, há uma intensificação do ritmo de trabalho e maior cobrança por produtividade, marcada pela lógica comercial e industrial adotada por essas empresas. Acreditamos que isso gera insatisfação de muitos profissionais.

Esta pesquisa parte de uma reflexão teórica sobre o tema para, num segundo momento, dar voz a jornalistas que construíram suas carreiras em grandes redações, mas que, em algum momento, migraram para projetos de jornalismo alternativo, no ambiente da Internet, impulsionados por diferentes motivos, que foram revelados durante as entrevistas. Foram entrevistados quatro jornalistas, a partir de alguns critérios de definição, como o tempo de trajetória construída em redações da chamada grande mídia (ao menos cinco anos), o formato do veículo no qual estão hoje inseridos - projetos que buscam explorar novas possibilidades para o jornalismo, do ponto de vista da linguagem e do conteúdo - e a localização dos mesmos (cidade de São Paulo).

O trabalho nas grandes redações: poder simbólico e transformações no perfil profissional

Como campo profissional, o jornalismo começa a se desenvolver no Brasil a partir do século XX. Os jornais, antes disso, eram produzidos de forma artesanal e tinham um estilo mais político-literário. Segundo Sodré (apud Oliveira, 2015), o jornalismo brasileiro começa a se configurar na virada daquele século como atividade comercial e industrial. Uma série de transformações sociais, econômicas, culturais e tecnológicas cria as condições para o desenvolvimento do jornalismo informativo como modelo dominante de imprensa. Valores como objetividade, neutralidade e a noção dos jornalistas como intermediários entre a sociedade e poder público, como afirma Barbosa (2007), vão sendo construídos como forma de referendar o lugar dos jornais e dos jornalistas.

Os jornais aumentam suas tiragens e começam a se estruturar como empresas, com base comercial e, com isso, cresce também a presença dos sujeitos envolvidos na produção

jornalística. Surge uma organização e divisão do trabalho nestes periódicos e figuras especializadas, como os repórteres (Oliveira, 2015).

A redação ao longo do século XX, segundo Deuze (2015, p.8), foi a forma principal de emprego e de organização do trabalho em jornalismo. “A redação se tornou o local para ser um jornalista, para ser reconhecido como tal (...)”, destaca o autor. Elas serviram como parâmetro para entender as práticas jornalísticas dominantes, principalmente aquelas associadas aos veículos de maior prestígio.

Tomando a noção de campo, de Bourdieu (1997), podemos pensar na posição dominante de determinados veículos e o prestígio de suas redações, no conjunto da imprensa nacional. Bourdieu (1997, p.57) descreve o jornalismo como um campo, “um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior deste espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças”.

Nesta competição, os aparentes vencedores são aqueles que ao longo do tempo vão inflando seus poderes simbólicos. Este poder simbólico, segundo Bourdieu (1997), se dá na maneira como os veículos conseguem conformar a realidade em que estão inseridos. Este poder é difícil de ser medido, mas pode ser observado em algumas características: o veículo que tem grande alcance, com amplas tiragens, o que atrai mais anunciantes; que tem capital simbólico, prestígio, inclusive do ponto de vista da visibilidade.

Assim, no campo jornalístico, há tanto os veículos que se destacam mais em relação a outros, quanto os jornalistas que acabam tendo maior destaque se comparado a seus colegas. Ter uma trajetória num veículo de grande imprensa vira um capital simbólico valorizado entre o grupo, que alimenta o imaginário das novas gerações.

Contudo, hoje, estas redações estão cada vez mais enxutas: “o número de demissões no jornalismo – especialmente na mídia impressa” – foi surpreendente na última década (...). A precariedade – tanto em termos de emprego quanto da qualidade do ambiente de trabalho – é parte da experiência vivida na redação contemporânea” (Deuze, 2015, p. 10).

Missão jornalística e lógica comercial

A partir de uma pesquisa realizada no final da década de 90, com jornalistas dos veículos de maior prestígio de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, Abreu (1998) indica que, com o avanço da lógica comercial e o rejuvenescimento das redações, muitas das representações associadas ao jornalismo como missão foram perdendo força: “o jornalista é

visto hoje como profissional e pragmático, em oposição ao passado, quando era romântico e boêmio” (Ibid, p. 8).

A ideia de um trabalhador mais pragmático, ajustado a uma linha de produção foi sendo implementada, não sem uma série de tensões vividas pelos jornalistas. Em 1984, por exemplo, quando a Folha implementou seu Projeto Folha, o jornal agiu para modificar a forma como os próprios jornalistas viam seu trabalho, “migrando de uma concepção romântica para outra, compatível com os requisitos da produção moderna e industrial” (Oliveira, 2013, p.175).

Nesta época, a Folha de S. Paulo adotou o formato de gerenciamento da redação com características do modelo de gerência científica criado por Taylor no início do século XX⁵. Dentre as inúmeras mudanças promovidas pelo jornal, era possível observar, como afirma Oliveira (2007), a “intensificação do controle sobre o trabalho: tentativa de estabelecer um processo produtivo padronizado e disciplinado, com regras rígidas no espaço da redação; o cuidado com a seleção e treinamento; e certa desvalorização do saber/fazer tradicional”.

A partir da maior ênfase à lógica comercial, a notícia passou a ser tratada como produto, como se o jornalismo pudesse ser comparado a qualquer produção fabril, remetendo à tradicional imagem da esteira em uma linha de montagem industrial. “Não é supérfluo dizer que a informação, além de um bem simbólico, tornou-se basicamente um bem econômico, uma mercadoria” (Abreu, 1998, p. 19).

Mas, da mesma forma que o jornalismo se desenvolveu sob as pressões provocadas pelas características do modo de produção industrial presente no capitalismo, ele também é sensibilizado e provocado pelas mudanças culturais. Novas possibilidades de retomar, inclusive, um sentido do jornalismo como ofício ou como serviço público, em contraponto à lógica do jornalismo como empresa. (BURGOS, 2013).

As novas tecnologias, os blogs, as redes sociais trazem outras perspectivas para os jornalistas. Nonato (2015) fez uma pesquisa que se aproxima da questão que apresento neste texto. Ela afirma que uma série de jornalistas tem migrado de veículos tradicionais para os blogs em busca de maior autonomia e liberdade de expressão, fora das rotinas e controles das empresas jornalísticas. Fígaro e Nonato (2015) usam a expressão “novos ‘arranjos econômicos’ alternativos” para falar de iniciativas que tem aparecido hoje, com a presença da Internet e tecnologias digitais da comunicação.

⁵. Este método de gerenciamento foi inclusive citado por Otávio Frias Filho, diretor de redação na época à frente da implantação do projeto. “Estou convencido de que o taylorismo implantado nesse período (...) será cada vez mais imitado na imprensa brasileira até tornar-se o padrão usual em qualquer redação, dentro de talvez dez ou quinze anos” (Frias Filho, 2005:50 apud Oliveira, 2007).

(...) os jornalistas têm buscado novos “arranjos econômicos” para viabilizar o seu trabalho. Embora também sejam precários, esses arranjos profissionais são encarados como possibilidade de mudanças nas rotinas produtivas, e incorporados como alternativos às formas de trabalho jornalístico tradicional. Os jornalistas participantes desses ‘arranjos’ econômicos’ apropriam-se das tecnologias digitais da comunicação para atuar em coletivos organizados horizontalmente (Fíguro e Nonato, 2015, p. 9).

Transformações no mercado de trabalho e os “novos” jornalismo

O mercado de trabalho no século XXI sofre uma série de mudanças e desestruturas, que passam pela forma como as empresas contratam funcionários e também como estes atores respondem às ofertas do mercado, afetando várias atividades, sendo o jornalismo parte afetada deste todo.

Ricardo Antunes (2015, p.61) descreve que, no mundo contemporâneo, é possível observar uma desproletarização do trabalho industrial, fabril, nos países de capitalismo avançado e “uma subproletarização intensificada, presente na expansão do trabalho parcial, temporário, precário, subcontratado, “terceirizado”, que marca a sociedade dual do capitalismo avançado”.

As transformações tecnológicas estão associadas a estes processos de alteração da forma de organização da produção jornalística. A informatização das redações, num tempo que não havia ainda a internet, pautou um novo ritmo nas redações. A década seguinte, com a implantação da rede mundial de computadores, foi uma das grandes responsáveis por abarcar novas transformações neste mercado.

Ao longo do século XX, presenciamos os leitores do papel migrarem para o digital, onde a informação pode ser consumida de forma múltipla e gratuita. Este processo afeta diretamente o quadro de funcionários destas empresas tradicionais. Por todo território, veículos demitiram em grande número, como Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo, Editora Abril, Época, Jovem Pan, Folha de Londrina, O Popular. Segundo pesquisa do Projeto Volt Data Lab⁶, desde 2012, 1013 jornalistas foram demitidos em várias empresas pelo Brasil.

Quando a demissão não ocorre, a situação dos que ainda estão inseridos nestas empresas é marcada pela pressão por aumento de produtividade, acúmulo de funções - como mostra Moretzsohn em relação à reestruturação da redação de O Globo (2014) - e,

⁶ A Conta dos Passaralhos, pesquisa que busca alimentar uma base de dados sobre as demissões de profissionais de comunicação no Brasil, desenvolvida pelo estúdio Volt Data Lab. Disponível em: <http://passaralhos.voltdata.info/>. Acesso em maio de 2016.

em alguns casos, ausência de garantias de direitos trabalhistas. Contudo é possível também identificar o surgimento de novas iniciativas de jornalismo, constituídos como alternativa de mercado de trabalho.

Alguns projetos buscam um modelo de jornalismo menos apoiado na lógica empresarial, que reforça a ideia de jornalismo como serviço público. A Agência Pública, por exemplo, que se autointitula “Pioneira no Brasil”, “aposta num modelo de jornalismo sem fins lucrativos para manter a independência”. Esta mesma agência produziu o Mapa do Jornalismo Independente no Brasil⁷. Em uma primeira aproximação, foram catalogados cerca de 74 projetos alternativos à grande imprensa, que produzem conteúdo jornalístico sobre temas variados.

Outros veículos que se destacam nesta empreitada são: A Ponte, canal de informações sobre segurança pública, justiça e direitos humanos, criado em 2014 por jornalistas que vieram da grande mídia; o Nexo Jornal, veículo on-line que aposta na produção de informação contextualizada e plural. Também o coletivo Jornalistas Livres ganhou destaque recentemente, a partir de um formato de produção de informação, em rede, de forma aberta e colaborativa e sem fins lucrativos. O Estúdio de Jornalismo Fluxo é outro ator que vem se alinhando à ideia de jornalismo alternativo e independente. Criado por Bruno Torturra, jornalista que tem longa carreira na mídia tradicional, o projeto abriga um espaço que pode reunir jornalistas, cinegrafistas, escritores, artistas, afim de compartilharem suas ações no jornalismo.

Uma característica que estas iniciativas têm em comum é que elas desafiam a lógica que a mídia tradicional se devotou nos últimos anos enquanto empresa, que foi a de se dedicar a juntar o maior número possível de público para vender aos anunciantes (Burgos, 2013).

Os jornalistas falam: recompensas e desafios de trabalhar em novos projetos jornalísticos

Como apontei anteriormente, na definição dos entrevistados, usei como critério o tempo de trajetória construída no jornalismo e o formato de veículo no qual estão hoje inseridos, projetos que buscam explorar novas possibilidades para o jornalismo, do ponto de vista da linguagem e do conteúdo. Buscamos profissionais que acumulavam, ao menos,

⁷ Disponível em: <http://apublica.org/mapa-do-jornalismo/index.html#>. Acesso em maio de 2015.

cinco anos de trajetória em redações de grande visibilidade e que hoje estão inseridos nestes novos veículos, localizados na cidade de São Paulo.

A busca por estes atores se deu através de pesquisa realizada na internet. A autora listou algumas iniciativas alternativas, que produzem conteúdo jornalístico, e buscou em seus sites as pessoas envolvidas. Depois, buscou nome por nome no *Google*, encontrou alguns perfis destes profissionais no *LinkedIn* e, então, elencou jornalistas que se encaixavam nos recortes citados. O retorno à possibilidade de dar entrevista e desencontros de agenda dos entrevistados foram problemas enfrentados e alguns nomes, inicialmente considerados, como de Cláudia Belfort (Ponte) e Laura Capriglione (Jornalistas Livres) não puderam ser incorporados como informantes. O recorte inicial, mais expandido, considerava outras iniciativas de jornalismo e possibilidades de informantes, mas em função dos limites da pesquisa, como o próprio tempo e a possibilidade de análise, me limitei a fala de quatro entrevistados: Maurício Moraes (Pública), Camilo Rocha (Nexo); Bruno Torturra (Fluxo) e Bruno Paes Manso (Ponte). A questão do gênero e idade dos selecionados não foi proposital. No conjunto, os entrevistados são homens, com idade de 37 a 47 anos.

Todas as entrevistas foram feitas pessoalmente, gravadas em áudio no celular e posteriormente transcritas. Os locais foram escolhidos pelos entrevistados: encontrei o Mauricio Moraes na redação da Publica; Camilo Rocha sugeriu uma padaria que fica próximo ao espaço do Nexo. Bruno Paes Manso me recebeu na sede do NEV-USP (Centro de Estudos de Violência da Universidade de São Paulo), onde ele cursa seu pós-doc; Bruno Torturra abriu as portas do Fluxo para a entrevista.

Bruno Paes Manso, 45, cursou Economia na FEA-USP. Quando estava no terceiro ano do curso, iniciou a faculdade de jornalismo, na ECA-USP. Estreou na carreira aos 19 anos, quando ainda não havia concluído a formação acadêmica. Nos anos 90, passou pela Folha de S. Paulo, Revista Veja e Estado de S. Paulo. Em 2001, largou o jornalismo para fazer Mestrado. Em 2004, voltou para o Estadão, onde ficou até 2014 após ter pedido demissão. Durante o ano seguinte, manteve um blog no Estadão, o SP no Divã e, no mesmo ano, fundou a Ponte a convite de Natalia Viana, diretora da Pública. Neste processo, o Estadão cortou o blog, justificando reestruturação de gastos na empresa. Bruno seguiu com a Ponte, onde cobre pautas que englobam violência policial e direitos humanos. Também se dedica ao pós doc, no NEV-USP.

Bruno Torturra, 37, não cursou jornalismo. Tem formação superior incompleta em Publicidade e Propaganda, parte pela ECA-USP e parte pela ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing). Iniciou na revista Trip em 2001, resenhando lançamentos da música. Ficou na Editora Trip por 11 anos, onde se tornou diretor de redação. Saiu em 2012, pouco tempo depois de criar a Pós TV e a Mídia Ninja. Hoje se dedica ao Fluxo, projeto de jornalismo experimental.

Camilo Rocha, 47, iniciou o curso de jornalismo em 1986, na Universidade Metodista, e o concluiu em 1998 na PUC-SP. Começou a trabalhar ainda na faculdade. Passou por redações da Editora Abril, Folha de S. Paulo, UOL, Vírgula e O Estado de S. Paulo. Neste último, ficou por quatro anos – dois como repórter de tecnologia e a outra metade como editor do extinto caderno Link. Pediu demissão em meados de 2015, quando recebeu o convite para fazer parte da equipe do Nexo Jornal, onde hoje, é editor de Especiais.

Maurício Moraes, 40, cursou Jornalismo na ECA-USP, nos anos 90. Passou pelas redações do Estado de São Paulo, Gazeta Mercantil e Editora Abril. Seu último emprego na grande mídia foi como editor da revista Info, da Abril, que foi cortada do catálogo da empresa em 2013, pouco tempo depois de um processo de demissão em massa, promovido pela editora, na qual Mauricio foi um dos atingidos. No mesmo ano, foi convidado para participar de um projeto da Pública, para editar uma série de matérias sobre o avanço industrial na Amazônia, que viraria um livro. Depois disso, Mauricio continuou participando de outros projetos da Pública, onde está até hoje.

Os sentidos do jornalismo

Através da análise das entrevistas feitas com profissionais inseridos nestes novos projetos de jornalismo, identificamos que a preocupação de explorar possibilidades de abordar temas, de diferentes ângulos, está presente na fala dos entrevistados, como pautas de direitos humanos, violência e direitos das minorias, dentre outros. A ideia de jornalismo como serviço público, do jornalismo como possibilidade de esclarecimento, de uma atividade que tem um papel social e democrático, foi trazida nas entrevistas.

Eu acho que vai além de simplesmente dar uma informação bruta, “tá acontecendo isso”, o jornalismo pode ajudar a elucidar certas questões da sociedade, né? Ele tem um papel super importante dentro da sociedade ... uma sociedade sem jornalismo, sem imprensa, é uma sociedade pobre e uma sociedade na qual fica fácil de manipular e controlar as pessoas. Então

ele tem esse papel social super importante. (...) acho que o Nexo em si, como um todo, difere muito pelo simples fato de que propõe olhar as notícias de outro jeito. Ele pode trazer o contexto, não só cuspir uma informação pra você vai mastigar primeiro [risos] antes de cuspir... Então acho que esse é o grande pulo do gato do Nexo, é fazer uma coisa que o jornalismo.... Na verdade, eu acho que a missão, é até engraçado você falar “o que o Nexo faz de diferente?”. “Ah, é jornalismo que é explicativo e que traz contexto”. “Ué, mas não tinha que ser todo jornalismo assim?”. E aí cai a ficha de como tá meio errado esse jornalismo produzido em massa. (Camilo Rocha).

Eu sempre me interessei por direitos humanos, sempre fiquei indignado com coisas injustas. Até pela natureza da revista que eu trabalhava, isso não era pauta pra gente. A Trip fazia um especial de política, a gente não cobre política. Fazia um especial de direitos humanos, a gente não cobre direitos humanos. O que aconteceu foi que eu comecei a, como diretor da redação, eu comecei a me importar muito mais com a função pública mesmo. Foi bem na época do Weakliks, das Primaveras Árabs, do [Julian] Assange preso e tudo mais. (Bruno Torturra)

O sentido de fazer um jornalismo que seja mais receptivo a essas questões pode ser associado à migração desses jornalistas para estes projetos. Mas não apenas. Também a rotina de produção dentro destes grandes veículos, que impossibilita mais abertura para criação ou que impõe um ritmo de trabalho intenso, foram argumentos citados. Manso conta que, em 2014, quando decidiu sair do Estadão, após 10 anos como repórter no jornal, sentia tensões em relação à forma de produzir notícias na redação e suas “amarras”.

Não tinha nenhum problema lá [no Estadão], mas eu achava também que tinha que tentar coisa nova e que o jornalismo estava mudando e era o momento de tentar botar a cabeça pra fora, sair da rotina de uma grande empresa e se arriscar. (...) Não tenho mais saco pra voltar pra grande redação, que é uma indústria de notícia mesmo. Você tem um processo de produção industrial, que tem uma dinâmica própria à qual você tem que se sujeitar.

Segundo Camilo Rocha:

Eu não estava muito satisfeito com a rotina de lá [do Estadão], é uma rotina de grande jornal, eu estava questionando muito o que se faz. Eu questiono muito este modelo de produção de notícias, que é como eu chamo de “fábrica de salsicha”, que é simplesmente ficar cuspidando notícias e sem muitas análises e sem muito pensamento.

A reestruturação do quadro de funcionários das grandes empresas também aparece como motivo para esse movimento de migração. Maurício Moraes foi demitido, em 2012, em um dos cortes da Editora Abril, onde era editor da revista Info, após quatro anos de

casa. Na realidade, sua carreira no jornalismo, que acumula quase duas décadas, foi atingida por outros episódios de corte de equipe em grandes redações. Este jornalista passou por três passarálhos durante sua trajetória, respectivamente em 1998 (Estadão), 2003 (Estadão) e 2013 (Editora Abril). Segundo ele, o ritmo de trabalho menos extenuante do que na grande redação, a maior disponibilidade de tempo, para concluir uma segunda graduação e cuidar do filho, foi também um dos motivos que o levou a aceitar o convite para fazer parte da Pública.

Não foi uma escolha assim: “ah, vou abandonar meu emprego na grande imprensa e vou vir pra Pública”. Foi uma coisa que aconteceu de forma natural. Quando eu fui cortado, estava procurando trabalho e aí apareceu... eu já conhecia a Pública, já tinha lido matérias, achado legal. (...) Foi assim que eu vim trabalhar aqui, como um projeto de freela, temporário, de seis meses e acabei ficando. Desse projeto acabei pulando pra outros projetos e fui ficando, ficando.

A motivação que é demonstrada na fala desses sujeitos em relação ao seu trabalho e as novas possibilidades da prática jornalística, hoje, convivem com o dilema da insegurança financeira própria desses novos arranjos. A maior estabilidade trazida pelas relações tradicionais de contrato trabalhista, como ter registro em carteira de trabalho, benefícios, não aparece na atual realidade de Bruno Paes Manso, Maurício Moraes e Bruno Torturra.

Acho que hoje eu ganho muito menos do que ganharia num veículo [de grande mídia], por exemplo. Em termos de benefício mesmo. Eu não tenho hoje o arcabouço de proteção de benefícios que eu tinha antes, porque estou vinculado a projetos, não tenho mais estabilidade, né? Se os projetos acabarem, não tem mais Pública. Se as fundações não quiserem mais financiar também não tem. Acho difícil de acontecer. Eu estou aqui faz um tempo. Mas dá um certo medo. Não é aquela coisa, “ah, tá com a carteira assinada, beleza”. Entendeu? Então, acho que é mais neste sentido mesmo. Acho que a maior desvantagem daqui é essa mesma. (Maurício Moraes)

Camilo, que trabalha com carteira registrada no jornal online Nexo, destaca que, apesar de muitos profissionais ainda estarem empregados em uma grande empresa de mídia e ter estes direitos trabalhistas garantidos, através de um contrato formal com carteira assinada, o sentimento de insegurança também existe.

Então, aí eu ponderei bastante [quando recebeu o convite para fazer parte da equipe do Nexo]: “puts, vou trocar um empresona, não sei o que...”. Ao mesmo tempo, o Estadão, que a gente pensa que é empresa grande, mas qual é a segurança de estar lá? Nenhuma. As pessoas estavam sendo demitidas a toda hora. Você não sabe qual é o seu futuro. Então, falei, “pô, é hora de arriscar”.

Bruno Torturra diz que cada vez mais vê amigos jornalistas que estão partindo para outras empreitadas na carreira por conta do desemprego que atinge a categoria:

Se há dez anos a gente ia no bar, sentava na mesa, era uma mesa de jornalista. Agora, um montou um sebo, outro um restaurante, outro está trabalhando em consultoria digital, outro está fazendo campanha política. Tem meia dúzia que está na Abril, na Folha, e está assim: “o que eu faço?”.

Torturra conta que a atual realidade financeira do Fluxo não é estável, já que o projeto não recebe financiamento vindo de fundações ou conta com doação pública. O dinheiro que mantém a empresa é fruto de palestras, aulas, consultorias e até mesmo pesquisas que ele faz para outras empresas.

Trabalhar sem remuneração é uma característica que pode aparecer nestes novos arranjos, como relata Bruno Paes Manso. Para ele, é problemático ainda não ter encontrado uma fórmula para financiar a produção deste jornalismo fora da grande mídia, o que leva parte dos jornalistas a enveredar por um trabalho de tipo voluntário. Essa situação gera angústia pessoal, incerteza pela fonte de renda instável. Hoje, o jornalista vive basicamente da bolsa que recebe pelo trabalho de pesquisa que desenvolve no pós-doc, no NEV-USP e complementa sua renda com frilas.

Eu acho que a gente ainda não alcançou nosso objetivo. Então, eu não tenho a satisfação de dizer que na Ponte a gente conseguiu fazer o que tinha pensado. Porque eu acho muito estressante ainda essa discussão de você trabalhar voluntariamente. Isso me incomoda... eu tenho três filhos, tenho uma família pra sustentar. Tem a questão prática que pra mim é fundamental e o tempo inteiro eu penso: “quando é que eu vou ter que vender camisa no shopping?”.

Manso também destaca sua percepção de que jornalismo e “ativismo” são coisas diferentes, discussão presente entre a equipe da Ponte. Para ele, o jornalismo deve ser uma carreira estruturada e remunerada. “Acho que de uma certa maneira, a gente sabota a nossa profissão produzindo de graça, isso me incomoda muito assim”. Embora respeite a posição diferente de outros colegas, como dos Jornalistas Livres.

Já o JL [Jornalistas Livres] tem outra visão, que eu acho interessantíssima, faz parte de todo esse debate, mas eles tem uma visão de jornalismo também muito relacionada a ativismo, que vem junto com o Fora do Eixo, Midia Ninja, que tem toda essa questão do copy left, e ao mesmo tempo são portais que serviriam como uma vitrine para você ganhar experiência e ser

contratado por uma outra empresa... mas qual o sentido, pra ir pra grande mídia?

Segundo o entrevistado, a Ponte tem despertado o interesse de vários jornalistas, tanto daqueles que estão em formação ou que acabaram de entrar no mercado de trabalho até aqueles que já construíram uma trajetória em grandes veículos de comunicação. Camilo Rocha também chama atenção para essa questão da visibilidade e interesse que estes veículos estão criando. “Muitos amigos antigos estão lembrando de mim de novo, querendo fazer freela pro Nexo... já recebi umas três propostas de coluna, inclusive de colunista do Estadão!, querendo vir para o Nexo. Currículo eu já recebi de galera mais nova... tipo dezenas de currículos”.

As impressões positivas da experimentação

A fala dos entrevistados indica uma valorização destas iniciativas como espaços possíveis de experimentação no jornalismo, desde como abordar as pautas, até o ritmo produção e o uso de novas possibilidades de narrativas. Mauricio Moraes relata como esta liberdade de experimentação é importante para desenvolver seus projetos na Pública.

O que eu acho legal aqui é que um laboratório. Então, assim, você tem muito espaço pra experimentação mesmo. Por exemplo, o Truco! foi um projeto que a gente fez, meio que baseado no Chequeado, lá da Argentina, mas a gente sentou, viu que talvez desse certo e fez pra eleição [presidencial de 2014]. E foi muito bem. Daí, a gente resolveu fazer a cobertura no congresso, mas no começo não funcionava, não dava certo, ninguém lia, no esquema que a gente tinha pensado. Mudou várias vezes o projeto. É uma coisa que eu acho que no jornal não teria muita liberdade ou no órgão de grande mídia, não seria tão adaptável como foi aqui. Aqui é muito flexível, por um lado é desafiante, porque você fica tentando encontrar as melhores fórmulas, coisas legais pra fazer.

Para Rocha, estar no Nexo é ter constantes desafios, especialmente em buscar formas narrativas que propiciem uma melhor experiência e que seja mais atraente para o leitor.

Isso é uma das coisas mais legais, tentar ficar achando essas novas linguagens. Minha editoria trabalha em conjunto com pesquisa, que é um núcleo de pesquisa que levanta os dados. O jornalismo de dados é componente super importante do nosso trabalho. Pesquisa, arte, tecnologia, então a editoria de Especiais tá meio conjugada com todas essas aí. É uma produção em conjunto, por ser interativo.

Para Manso, a Ponte ainda não encontrou este caminho de maior experimentação para desenvolver as matérias propostas, mas a intenção existe.

A Ponte é uma referência que é difícil mudar. Mas não é esse tipo de jornalismo que eu acredito como possibilidade de cobertura. Acho que a gente tem que pensar nesse modelo a ser desenvolvido, que existe o desafio de construir novos modelos de start ups e de produção jornalística. Acho que a gente não achou o nosso ainda, porque a gente depende, a gente é uma imprensa tradicional cobrindo direitos humanos, com os mesmos modelos, as mesmas hierarquias, talvez mude um pouco a linguagem, o ritmo da publicação e tal. Mas falta pensar num modelo novo de produção.

As possibilidades de criação e de desenvolvimento de reportagens esbarra, no entanto, em dificuldades de estrutura financeira, que pode inclusive se tornar um impeditivo para o desenvolvimento de certas pautas.

Tem algumas desvantagens, talvez, não ter os recursos do Estadão. Você não tem um acervo, não tem aquela infraestrutura toda, não tem um carro, apesar de que a gente foi fazer um almoço um dia, pegou um Uber e eles pagaram. Não é uma empresa muquirana também. (Camilo Rocha)

A gente fez alguns trabalhos que deram algum caixa, uns trabalhos pra um grupo que trabalhava com moradores de rua, a gente deu umas oficinas de jornalismo, foi um trabalho bem legal e rendeu uma graninha pra gente bancar alguns meses. Mas não temos [recursos], então... a gente tem pau no site, agora a gente está com isso, aí tem que pagar uma empresa. Ainda tem esse caixa que a gente está bancando. (Bruno Paes Manso).

Como sustentar economicamente estas iniciativas, se as mesmas não operam segundo o modelo econômico utilizado pela mídia tradicional, onde a receita oriunda da publicidade fomenta boa parte a produção jornalística, é um desafio para estes novos projetos de jornalismo e para o próprio sustento financeiro dos jornalistas.

Embora exista esta questão, Torturra indica que o desafio inicial de sustentabilidade econômica não tem impedido a aposta nestes novos projetos. Na visão dele, essas iniciativas, inclusive, são um caminho, uma tentativa de “salvar a profissão”, num ambiente em que o mercado de trabalho tradicional já não tem se mostrado capaz de absorver muitos profissionais.

Caso recebessem um eventual convite para voltar a atuar na grande imprensa, todos os entrevistados demonstraram que não aceitariam de primeira e pensariam muito, levando em conta vários aspectos, inclusive o de liberdade editorial. Manso descreve a visão que tem sobre o futuro desta prática independente de jornalismo, como uma “possibilidade de

percorrer os caminhos que estão sendo construídos”. “Ao mesmo tempo, que o jornalismo está ruindo e está tudo se transformando, é um momento ao mesmo tempo difícil, mas é um momento inspirador. Tem muita gente surgindo, tem muita ideia nova aparecendo, tem possibilidades de projetos, tem muita discussão sendo feita”.

Considerações finais

Ao longo do caminho desta pesquisa, pude apurar, a partir da fala dos entrevistados e também com autores escolhidos para apoiar a pesquisa, ideias sobre o que seria parte deste jornalismo praticado fora das grandes redações. Estas iniciativas apontam para novas possibilidades, novos arranjos na forma de se praticar esta profissão. Se existe uma crise no modelo de negócios praticado pela grande mídia, que tem ocasionado instabilidade para os atores inseridos nestes espaços, com o enxugamento das redações, este momento também abre outros caminhos e campos de atuação.

Pude compreender que a migração, feita por estes jornalistas maduros para projetos alternativos à grande imprensa, foi fortemente influenciada por uma insatisfação profissional provocada por um formato de produção jornalística que já não dá conta de suas expectativas. Ao fazerem este movimento em suas carreiras, estes jornalistas sentiram maior liberdade para explorar novas possibilidades de produção no jornalismo, investir em pautas mais plurais e ligadas com a noção de interesse público. Por outro lado, a dificuldade de sustentabilidade financeira provoca tensões e uma sensação de instabilidade próxima das relações precárias de trabalho.

Ainda que esta pesquisa não dê conta de explorar várias dimensões de um assunto tão extenso e complexo, o objetivo foi contribuir para entender um pouco mais o significado deste movimento no mercado de trabalho para os jornalistas e trazer uma luz no que diz respeito à prática da profissão tanto para os que já tem carreira sólida, mas também para aqueles que estão entrando no mercado de trabalho: existe a possibilidade de se praticar o jornalismo para além dos grandes conglomerados midiáticos. Um dos desafios futuros é encontrar uma maneira de sustentação econômica para o mesmo.

Referências

- ABREU, Alzira A. **Jornalistas: de românticos a profissionais**. Niterói, n. 5, p.7-19, 2 sem. 1998
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 16a ed. São Paulo: Cortez, 2015.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa – Brasil – 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X Editora, 2007

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997

BURGOS, Pedro. “**O que podemos fazer para salvar o jornalismo**”. Disponível em: <http://oene.com.br/reinventando-o-jornalismo>. Acesso em: 20 de abril de 2016.

DEUZE, Mark. **Além do Jornalismo. Leituras do Jornalismo**. N. 4, v. 1, 2015.

FÍGARO, Roseli. **Jornalimos e trabalhos de jornalistas: desafios para as novas gerações do século XXI**, v. 2, n. 2. São Paulo: Revista Parágrafo, 2014

FIGARO, Roseli; NONATO, Cláudia. **Novos ‘arranjos econômicos’ alternativos para a produção jornalística. In: 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Campo Grande: UFMS, 2015

MORETZSOHN, Sylvia. “**O “novo ritmo da redação” de O Globo: A prioridade ao jornalismo digital e seus reflexos nas condições de trabalho e produção de notícia**”. *Revista Parágrafo*. São Paulo: FIAM-FAAM, n. 2, vol. 2, agosto/dezembro de 2014.

NONATO, Claudia. **Blogs, colaborativismo e crowdfunding: novos arranjos para o livre exercício e a prática da cidadania**. *Revista Alterjor*. N. 6, v.2, 2015.

OLIVEIRA, Michelle Roxo. **O projeto de reestruturação do trabalho jornalístico na Folha de S. Paulo: racionalidade e gerenciamento**, v. 24, n. 2. São Paulo: Cadernos Ceru, 2014.

_____ **A emergência do jornalismo informativo e a construção de representações da identidade profissional**. *Revista PJ:BR Jornalismo Brasileiro*, 2005.

PEREIRA, Fabio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. **O Jornalismo em tempos de mudanças estruturais**. *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, p. 38-57, janeiro/junho 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teoria do Jornalismo. A Tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. 2a ed. Florianópolis: Editora Insular, 2008.